

LETRAMENTO DIGITAL: A NÃO-PARTICIPAÇÃO EM BLOGS DE PESQUISA ACADÊMICA

DIGITAL LITERACY: NON-PARTICIPATION IN ACADEMIC RESEARCH BLOGS

Daniel de Mello Ferraz*

Resumo: Segundo os Novos Letramentos (LANKSHEAR e KNOBEL, 2007), ser letrado digitalmente significa saber transitar nas dimensões operacionais, socioculturais e críticas por meio das novas tecnologias. No ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, isso significa somar essas dimensões às práticas focadas na aprendizagem linguística. Dessa forma, este artigo problematiza os novos letramentos e a educação de língua inglesa por meio da utilização de blogs. Num primeiro momento, apresento as teorias dos Novos Letramentos e discuto a relação entre os blogs e a educação de línguas estrangeiras. A partir de dados coletados em escolas públicas, discuto como os alunos participam (ou não) de pesquisas que envolvem a utilização de blogs.

Palavras-chave: Novos Letramentos; blogs; educação de língua inglesa.

Abstract: According to New Literacies (LANKSHEAR & KNOBEL, 2007), being digitally literate means knowing to articulate within the operational, sociocultural and critical dimensions when new technologies are used. Regarding the teaching and learning of foreign languages, that means adding these dimensions into the practices that focus on linguistics teaching. Thus, this paper discusses the New Literacies and English language education through the use of blogs. Firstly I present the New Literacies theories and discuss the relationship between blogs and Foreign Languages Education. From data collected in public schools, I discuss how students participate (or do not participate) in research involving blogs.

Keywords: New Literacies; blogs; English language education.

Introdução

The production and consumption of blogs is seen as a new form of social practice, dependent upon specific genres of writing and meaning making – a practice which reconfigures relationships and can engender new ways of looking at the world.

Davies e Merchant, *Looking from the Inside Out: Academic Blogging as New Literacy*

Os blogs têm assumido um importante papel no mundo da conectividade virtual. Um viajante andarilho, uma estudante de Letras que escreve contos, uma poetiza, um professor,

* Doutor em Letras – USP. E-mail: danielife@usp.br

um funcionário de uma pequena empresa, um atleta anônimo ou famoso, um jornalista, um músico, ativistas políticos, instituições governamentais, ONGs, grupos de teatro, amantes da literatura, chefs de cozinha e muitos outros, hoje em dia, escrevem, publicam fotos, postam vídeos e sugerem links e leituras em seus blogs. Minha experiência pessoal com blogs se deu quando me mudei para o Canadá para um doutorado sanduíche. Decidi criar um blog intitulado *Daniel in Winnipeg*¹ o qual contaria algumas histórias em inglês e em língua portuguesa do meu cotidiano na cidade canadense. Surpreendi-me ao verificar que em dois dias já tinha 4 seguidores, todos comentadores assíduos das histórias. Devido aos meus estudos intensos, infelizmente não continuei as postagens com a frequência que um blog exige e ele praticamente “morreu”. Este fato indica, inicialmente, uma característica efêmera de muitos blogs os quais, assim como de tudo que está na rede hoje em dia, nascem e se desfalecem com um click. Entretanto, uma busca simples na internet mostra que existem mais de 200 milhões de blogs na rede². Destes, milhares são eblogs ou edublogs, ou seja, blogs para fins educacionais. Essas constatações iniciais apontam para a abrangência e relevância desse novo gênero. Frequentemente exemplificado em estudos acadêmicos como representante do gênero multimodal, os blogs estabelecem novas formas de comunicação, de educação e de relações sociais. Nas palavras de Davies e Merchant (2007),

A prática de *blogging* se tornou rapidamente uma atividade bastante sedutora, e para muitos. As tecnologias dos blogs fornecem novas possibilidades que podem ser ao mesmo tempo, simples e complexas; simples porque compartilham algumas das características dos textos baseados no impresso (como convenções tipográficas, ortográficas, de parágrafo, de layout e assim por diante) e complexas, devido aos recursos oferecidos pelo hipertexto (traduzido por este pesquisador, DAVIES e MERCHANT, 2007, p. 168).

Corroborando Davies e Merchant acima, acredito que a prática de “bloguear”, simples e complexa ao mesmo tempo, representa um desafio aos pesquisadores da linguagem (e de línguas) em tempos de digitalidade³ e de novos *mindsets* tecnológicos. Entender essa efemeridade, abrangência e influência se faz essencial para aqueles que optam por utilizá-los para fins acadêmicos, tais como os blogs utilizados como instrumentos de pesquisa. Dessa forma, este artigo investiga a participação de alunos do ensino médio e superior de uma

¹ danielinwinnipeg.blogspot.com

² <http://tigergrowl.wordpress.com/2012/09/20/how-many-blogs-are-there/>

³ Tenho me referido a essas expressões generalizadas, tais como “tempos de digitalidade” com o conhecimento de que essa generalização se refere à grande parte das sociedades civilizadas modernas ocidentais. Ainda assim, uso o termo com bastante cautela por não ter o desejo de abrangência ou totalidade (muitos ainda nem “letrados” são). Refiro-me, por exemplo, ao provável contexto dos educadores em centros urbanos, tais como o meu, cidade ou Estado de São Paulo, Brasil.

instituição pública do estado de São Paulo. Num primeiro momento, apresento brevemente o contexto e a metodologia de pesquisa. Num segundo momento, discuto os novos letramentos e o letramento digital, bases teóricas para a discussão aqui colocada. A partir de alguns dados coletados, discuto como os alunos veem os letramentos digitais e como participam (ou não) de pesquisas que envolvem a digitalidade. Ressalto que este artigo faz parte da pesquisa de doutorado intitulada “Educação de Língua Inglesa e Novos Letramentos: espaços de mudanças nos ensinos técnicos e tecnológicos” defendida por este pesquisador na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

1. Contexto e Metodologia da pesquisa

Na pesquisa mencionada, investigo dois níveis educacionais, ou seja, o ensino médio técnico e o ensino superior tecnológico. O ensino técnico se refere ao nível secundário da escolarização e se realiza paralela ou concomitantemente ao ensino regular. O ensino tecnológico se refere às Faculdades de Tecnologia (públicas ou privadas) de nível superior. Historicamente, foi constituído como outra categoria de ensino superior (os tecnólogos) e, durante muitos anos, não foi reconhecido como tal. Atualmente, porém, todas as faculdades de tecnologia são faculdades de ensino superior e o que basicamente diferencia a formação superior tecnológica das formações de licenciatura e de bacharelado são seus objetivos (formar profissionais para atuarem como tecnólogos em áreas específicas) e o tempo de formação (os cursos tecnológicos têm curta duração quando comparados com as licenciaturas).

Os ensinos técnicos e tecnológicos, além de serem focos de discussões e decisões educacionais estaduais e nacionais, são responsáveis por uma grande parte do ensino no Brasil. Hoje em dia, uma parcela significativa de jovens opta pelos ensinos técnicos e tecnológicos de escolas públicas ou privadas no país, motivados pelos discursos de rápida colocação no mercado de trabalho. O Centro Educacional Tecnológico pesquisado é responsável pelo ensino público técnico e tecnológico no Estado de São Paulo e é reconhecido como um dos centros das diretrizes sobre os ensinos técnicos (nível médio) e tecnológicos (nível superior) no país. O referido Centro oferece educação básica, educação técnica à distância, ensino médio, ensino técnico, ensino superior em tecnologia e pós-graduação *lato-senso*.

Os ensinamentos técnicos (médio) e tecnológicos (superiores de tecnologia) estão em pauta nas discussões e decisões educacionais do governo paulista o qual tem investido milhões de reais na expansão desse sistema de ensino. Entre 2008 e 2014, muito do que se destina à educação será investido na criação de novas escolas em todo o Estado de São Paulo e CEFETs em todo o país⁴. Do mesmo modo, em âmbito federal, a presidente Dilma Rousseff tem frequentemente discursado sobre a importância da tecnologia e da educação. No blog oficial do governo federal (blog do planalto⁵), existem vários *links* e *tags* sobre a relevância da educação tecnológica. Portanto, a discussão apresentada neste artigo parte do contexto da educação tecnológica com o intuito de problematizar a educação de línguas estrangeiras (o inglês, mais especificamente) e os novos letramentos (letramento digital).

No que se refere à metodologia, utilizo a pesquisa qualitativa, expandindo os princípios da etnografia tradicional (observação de campo) para a digitalidade⁶, ou seja, a etnografia virtual/visual (HINE, 2000; PINK, 2001; ROSE, 2007). Portanto, analiso os dados coletados em sala de aula na visão dos alunos e de dois professores que atuam nesses contextos. A respeito das análises de dados, busco estar coerente com a proposta da educação crítica e da ecologia dos saberes (SANTOS, 2007), ou seja, prover um olhar multifacetado que não pretende estabelecer verdades, mas verdades contextuais sobre a educação de língua inglesa e a educação técnica/tecnológica. Para isso, promovo uma tessitura entre as interpretações dos dados e as minhas próprias proposições teóricas acerca dos temas que esses dados suscitam.

No ensino médio técnico, realizei a coleta de dados em dois cursos do ensino médio e técnico: uma turma do segundo ano composta de aproximadamente 16 alunos do ensino técnico de dança e uma segunda turma com cerca de 14 alunos. Nessa turma, todos fazem o ensino médio pela manhã e a maioria cursa, na mesma escola, o ensino técnico à tarde. No

⁴Publicado no dia 2 de Setembro de 2008 no site da Secretaria da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo sobre os investimentos ao ensino técnico. Segundo o site, "o presidente Lula lançou então o maior plano de expansão da educação profissional e tecnológica da história do país. Nos últimos cinco anos, já entregou à população 45 novas unidades das 64 previstas na primeira fase do plano. As outras 19 serão entregues nos próximos meses", destacou. A segunda fase já está em andamento, conforme ele, e prevê a construção de mais 150 escolas técnicas. "Até 2014, o Brasil terá 354 unidades, correspondentes a 500 mil alunos matriculados. Em pouco mais de 10 anos, o Brasil terá uma vez e meia a mais o número de escolas construídas nos últimos 100 anos".

⁵ <http://blog.planalto.gov.br/assunto/educacao/>

⁶ Entendo que o termo digital se refere à linguagem da computação, ou seja, à passagem do impresso para "as telas do computador" e o virtual à mesma linguagem, porém linguagem propiciada pela rede de computadores (internet). Nesse sentido, tenho verificado que letramento digital e virtual, apesar de não serem sinônimos, são frequentemente utilizados para diferenciar o letramento linear do texto impresso do letramento multimodal dos textos digitais/virtuais.

ensino superior de tecnologia, realizei a pesquisa em uma Fatec do Estado de São Paulo investigando duas turmas: a primeira, uma turma de secretariado composta de 16 alunas e uma segunda turma, também de secretariado, porém do terceiro ano (11 alunas). Todas foram convidadas a participar do blog da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada em três etapas, a saber: 1. preenchimento individual de questionário. Nestes, preparei perguntas para cada nível de acordo com o foco da pesquisa; 2. gravação da discussão dos alunos por meio de câmeras digitais. A escolha desses instrumentos visou possibilitar o registro dos diferentes posicionamentos sobre questões colocadas de forma aberta.; 3. montagem do blog e convite para discussão online. Duas semanas após as gravações e a obtenção das respostas dos alunos, montei um blog, postei os vídeos gravados pelos alunos e os convidei por emails para a discussão dos seus próprios depoimentos e dos depoimentos dos colegas de ambos os níveis educacionais.

2. Os Novos Letramentos

Understanding literacies from a sociocultural perspective means that reading and writing can only be understood in the contexts of social, cultural, political, economic, historical practices to which they are integral, of which they are a part. This is at the heart of what Gee (1996) calls the “new” literacy studies.

Lankshear e Knobel, *A New Literacies Sampler*

O movimento educacional dos novos letramentos se alicerça nas bases filosóficas e propostas pedagógicas da pedagogia crítica e do letramento crítico para inserir as novas tecnologias e a digitalidade/virtualidade/ciberespaço nas teorias educacionais. No que concernem os novos letramentos, Ann Mills (2010), em seu artigo *The digital turn*, explica que os teóricos dos novos letramentos “têm se concentrado nos potenciais produtivos e criativos de ambientes eletrônicos, os quais as crianças têm utilizado dentro e fora das escolas (...). Há um reconhecimento de que interpretar e representar ideias são cada vez mais digitais” (MILLS, 2010, p. 248). Os novos letramentos, ancorados nas teorias de Lankshear e Knobel (2007), Gee (2007, 2008) e Snyder (1996, 2001, 2002, 2008), entre outros, incorporam e discutem as novas maneiras de pensar num contexto pós-industrial tecnológico/digital. Eles defendem que para sermos letrados digitalmente, devemos transitar pelas dimensões operacionais, culturais e críticas em relação às novas tecnologias. Não obstante, Lankshear e Knobel (2007) atentam para a dimensão social, uma vez que essa foi pormenorizada pelas pedagogias convencionais. Nas palavras dos autores, os educadores que defendem os novos

letramentos mantiveram o social à frente dessas dimensões (LANKSHEAR e KNOBEL, 2007, p. 9).

Os novos letramentos e as novas tecnologias (NTICs) estão conectados às assunções de que existe uma relação entre as gerações de *insiders* e *outsiders* (idem) no que diz respeito às tecnologias. Segundo Gee (2007a, 2007b), Lankshear e Knobel (2007, 2008), entre outros, existe uma geração de jovens alunos (também chamada de nativos digitais) que lidam naturalmente com as novas tecnologias e uma geração de *outsiders* os quais têm que aprender a lidar com as NTICs.

3. Os blogs e a educação

A **blog** (a contraction of the words *web log*) is a discussion or informational site published on the World Wide Web and consisting of discrete entries ("posts") typically displayed in reverse chronological order (the most recent post appears first).

Many blogs provide commentary on a particular subject; others function as more personal online diaries; others function more as online brand advertising of a particular individual or company. A typical blog combines **text, images, and links to other blogs, Web pages, and other media** related to its topic.

From Wikipedia⁷

Davies e Merchant (2007) defendem que os blogs estão imersos num contexto social que engloba ambos os discursos locais e globais de participação entre *bloggers* e seus leitores. Esse contexto desafia nossas concepções sobre o que significa sermos escritores e leitores em contextos contemporâneos (DAVIES e MERCHAND, 2007, p. 168). Os blogs são formas de prática social que invocam novas maneiras de construção de sentido, ou seja, devido à sua intrínseca característica de multimodalidade (imagens, sons, vídeos, textos, etc.), os blogs possibilitam e demandam uma ruptura com a leitura linear e horizontal. Sob essa ótica, além de proporem novas construções de sentidos (sentidos advindos dos modos e mediações interligados), os blogs desafiam “a autoridade do livro e da página impressa como formas dominantes de representação” (Idem, p. 171), pois “ao examinarmos um blog, por exemplo, precisamos aceitar que o texto é raramente estático, uma vez que ele é constantemente atualizado por meio dos comentários que são anexados a cada postagem” (Idem). Além disso, cabe observar que um visitante de blogs provavelmente não lerá todas as postagens ou assistirá a todos os vídeos. Acredita-se que o leitor poderá escolher seus próprios caminhos de leitura e assumir maior agência nesse processo. Em pesquisas mais recentes, vejo que esse meio está praticamente inserido nos mais variados contextos sociais. Na educação, por

⁷ <http://en.wikipedia.org/wiki/Blog>

exemplo, vê-se a expansão dos *eblogs*, ou seja, blogs educacionais de escolas, projetos educacionais e métodos de ensino, que transferem para o contexto digital as discussões educacionais.

Especificamente sobre os blogs e o ensino e aprendizagem de língua inglesa ou que venho chamando de EELT – *Education through English Language Teaching* (FERRAZ, 2010), defendo que os blogs podem ser utilizados e discutidos teoricamente nas dimensões operacionais, culturais e críticas supracitadas. Ao desenvolver um blog nas aulas ou como tarefa de casa, os estudantes devem, inicialmente, vencer a barreira instrumental, ou seja, devem aprender a lidar com o design externo (o que é visto na rede) e o design interno (a área de criação – figura 1), além de dever saber lidar com os diversos modos e mediações (a prática de letramento digital), tais como as imagens estáticas (fotografias, imagens, desenhos), imagens em movimento (vídeos, imagens em *flash*), a escrita e a escrita inserida nessas imagens, entre outras habilidades como postar, deletar, baixar, carregar, mapear, sugerir links, visualizar as informações do blog. Frequentemente, essas práticas são realizadas com naturalidade pelos estudantes e o fato de o professor pedir aos alunos que montem seus blogs é algo que faz parte de diversas disciplinas. Cabe ressaltar a praticidade ao se montar um blog em domínios *blogspot.com* ou *wordpress.com*, uma vez que estes trazem ferramentas visuais e autoexplicativas.

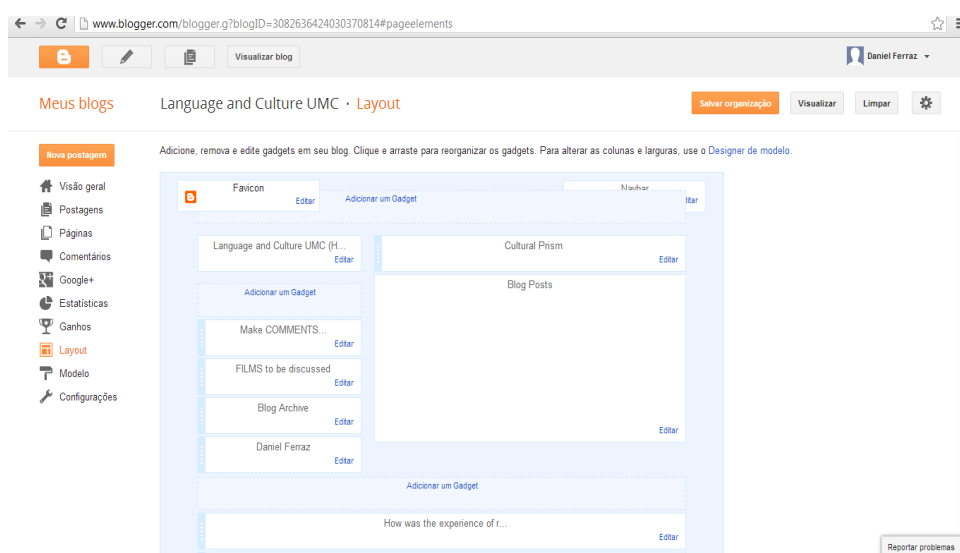


Figura 1 – área de criação interna do um blog⁸

⁸ Blog deste pesquisador: <http://languageandcultureumc.blogspot.com.br/>

No que se refere à dimensão cultural, acredito que os blogs podem proporcionar discussões sobre como o conceito de cultura é construído em meios digitais; como cultura e identidade são vistos nas relações entre blogueiros (autores) e seguidores (leitores) e como a língua inglesa influencia essas construções identitárias e culturais. Da perspectiva crítica, pode-se discutir a extrema influência que um blog pode exercer. Apesar de existirem inúmeros tipos de blogs (eblogs, blogs empresariais, acadêmicos, pessoais, de viagens, de pesquisa, entre outros) e de, praticamente todas as principais redes sociais possuírem blogs ou oferecerem páginas internas de blogs aos seus membros (o *Facebook*, por exemplo, oferece páginas internas que funcionam como blogs), entendo essa mediação como uma possibilidade de compreender as relações entre sociedade, digitalidade e educação de línguas. Murthy (2008) promove uma reflexão acerca do debate sobre os blogs defendendo-os como possibilidades pedagógicas. Dessa forma, vejo que uma visão crítica da relação entre blogs e educação de língua inglesa expandiria a proposta de utilização ou da criação de um blog em inglês pelos alunos. A problematização do que se entende por blogs, de sua rápida expansão nas redes, da extrema influência de alguns deles (como o blog *Generación Y* da blogueira cubana Yoani Sanchez) pode ser conduzida pelos educadores de língua inglesa. Sobre essa visão crítica a respeito das novas tecnologias, blogs e educação, Lankshear e Snyder (2000), tecem algumas considerações:

It is still common for teachers to think of technology in terms of tools and implements. This is true in the case of all the new electronic communication and information technologies; it is specially true in the case of computers. However, a narrow view of technology can impede our understanding of key ideas such as the inherently technological and changing natures of literacies. It follows that concentrating only on the tools or implements aspects of technology can blind us to its important social and cultural dimensions, and, in particular, to recognizing technology as a social practice (LANKSHEAR e SNYDER, 2000, p. 32).

Dessa forma, analisando criticamente a participação dos alunos dos dois níveis educacionais no blog da pesquisa mencionada, discuto proximamente a geração de jovens frequentemente chamada de geração de nativos digitais (*net generation*, *wiki fledglings*, *millennials* ou *Google generation*) bem como a não-participação desses “supostos” nativos digitais. As premissas acima defendidas pelos autores, ou seja, de que os blogs trazem novas possibilidades de comunicação e de construção de significados, não se efetivaram, segundo minha visão, na coleta e na análise de dados. Dessa forma, entendo relevante buscar

compreender o porquê da não-participação, bem como levantar hipóteses sobre o porquê da pouca interação dos alunos no blog. Ressalto que decidi incluir “o que não deu certo” e problematizar o que é inesperado numa pesquisa acadêmica.

4. A não participação nos blogs: ausência ou protesto silencioso?

It is necessary to investigate young people's own conception of the political; take a more complex view of non-participation; and explore the specific circumstances and experiences of young people.

O'Toole, Marsh, and Jones, *Political Literacy cuts both ways: the Politics of non-participation among young people.*

Com o objetivo de que os alunos interagissem sem orientação, presença ou influência deste pesquisador, investiguei como debateriam com seus colegas os discursos realizados em sala. No blog da pesquisa, de um total de 15 vídeos postados, somente dois vídeos foram comentados (5 comentários). Devido a pouca ou “nenhuma” participação, interpreto que essa última etapa da pesquisa praticamente não se realizou da maneira esperada. Essa seria uma etapa importante, cuja proposta era de interação e discussão de opiniões acerca da educação técnica/tecnológica e língua inglesa. Buscando compreender essa não-participação, verifiquei, por meio dos emails de alguns alunos que, de fato, a hospedagem e o formato do blog que utilizei não permitia o acesso ou a postagem de comentários se o usuário não tivesse um email do *gmail.com*, por exemplo. No caso das aulas da Fatec, o convite foi realizado em etapas diferentes da pesquisa e, similarmente à Etec, não tivemos participação efetiva. Entretanto, ao verificar os questionários e listas de emails dos alunos, percebi que muitos (mais de 50%) possuíam algum email que permitia acesso ao blog. Portanto, interpreto essa não-participação em três aspectos: 1. falta de letramento digital operacional (ao se depararem com o blog bloqueado, os alunos não são capazes de comentar e desistem); 2. falta de interesse (a pesquisa acadêmica não interessa e não se conecta com a realidade dos alunos) e 3. participação política (recusa de participação). Conforme refletem Lankshear e Snyder (2000), “as novas tecnologias sempre geram um certo grau de suspeita e ceticismo, insegurança e exposição ao não-familiarizado” (p. 18). A esse respeito, como ressalté anteriormente, algumas notas de observações minhas indicam o nervosismo de alguns alunos (principalmente as alunas da graduação) ao terem que utilizar as câmeras digitais ou celulares para as gravações. Um grupo de alunas que gravou os vídeos da fase 2 da pesquisa, por exemplo, ensaiou várias vezes antes de realizar a “gravação final”. Os vídeos dessas alunas são

bastante curtos, como se quisessem “se livrar” da tarefa o mais rapidamente possível. Isso pode apontar para o fato de que, assim como nos blogs, muitos alunos ainda não são letrados digitalmente, ou seja, não venceram a barreira inicial da instrumentalidade (saber gravar, postar, comentar) colocada pelas novas tecnologias.

Milne (2010), ao refletir sobre a ausência de participação, afirma que devemos estudá-la a fim de questionarmos e dialogarmos com nossas próprias pesquisas. Segundo a crítica da autora, “se os pesquisados não participam, o que isso tem a dizer sobre a pessoa que facilita o processo? O que diz sobre suas habilidades? Sua personalidade?” (MILNE, 2010, p. 2). Pensando nos possíveis significados da ausência, a autora complementa que se deve atentar para o fato de que a não-participação mostra um aspecto importante, pois, ao invés de somente se celebrar o que “deu certo”, atenta-se para o que não aconteceu como esperado (Idem, p. 2). Milne ressalta que a não-participação atinge diretamente o pesquisador e, por esta razão, geralmente não é estudada. Reconheço que, durante o processo de seleção da participação dos alunos nos blogs, uma insegurança e ansiedade enorme me atingiram. Nesse contexto, tentando solucionar o problema, reenviei para as listas de emails o *link* dos blogs e solicitei novamente a participação. Ela não aconteceu. Feitas essas asserções, analiso a não-participação dos alunos nessa última etapa da pesquisa e levanto algumas assunções sobre essa não-participação. Concordando com os argumentos de Davies e Merchant (2007), os quais afirmam que os blogs são “uma atividade sedutora” e estão cada vez mais popularizados devido ao seu fácil acesso e “montagem”, busco entender por que o blog da pesquisa não foi tão sedutor assim. Interpreto que a visão dos alunos evidencia uma separação entre o que se entende por pesquisa acadêmica e a prática diária. Quantos de nossos alunos desejam continuar seus estudos e fazer uma pós-graduação? Mesmo que, hoje em dia, muitos alunos desejem realizar estudos pós-graduandos, a maioria decide parar na graduação. O discurso de que a academia gera teses e teorias que não têm conexão com a “realidade” é ainda muito presente e pode ser uma das razões pelas quais os alunos não se interessaram pelas discussões no blog e, como num protesto silencioso, ignoraram os vários pedidos (por email) de participação no blog da pesquisa. Nas aulas, os alunos foram “convidados” (forçados?) pelo seu professor para a gravação das discussões (depreende-se que, talvez, viram essa tarefa como uma atividade “diferente” do que eles estavam realizando). No blog da pesquisa, entretanto, eles foram convidados a participar sem nenhuma obrigatoriedade e num ambiente fora da sala de aula. Em suas casas, por exemplo, eles tiveram um contexto completamente diferente, ou seja, ao abrirem seus emails não se viram obrigados a abrir o *link* enviado,

assistir os vídeos e comentá-los. Nesse momento, imagino que, talvez, o blog sobre as senhas do *War of Warcraft* ou o *Facebook* estivessem na tela dos computadores pessoais dos alunos, nas janelas ao lado, e fossem mais “interessantes”. Isso indica a possível visão de que tudo o que é acadêmico e “teórico” está longe da realidade dos educandos. Retomando as pesquisas de Gee (2007) e Magnani (2011), muitos jovens optam pela “escola fora da escola” (MAGNANI, 2011), ou seja, pelos espaços extraescolares onde outros tipos de aprendizagem acontecem. Assim, analiso os únicos comentários feitos no blog a respeito dos vídeos gravados em aula, todos eles postados por alunas da Etec:

BLOG: Comentários postados

5 comentários:

[Ana Biiiah](#) disse...

Muito legal, adorei poder colaborar com o trabalho.

I really enjoy discuss topis about our studies and I love English too, so I hope you get enough good material to work with on your project.

[7 de dezembro de 2009 11:30](#)

 [Rute](#) disse...

É um ótimo trabalho! pois gera discussões sobre a importancia de tomar decisões e nos faz pensar no que é prioridade para!

So, stop, tink and take the right decision!

[24 de março de 2010 18:20](#)

 [Bianca](#) disse...

I love the work you have provided teacher Daniel.

I find it very important that students can explain their opinions on how the fact of knowing the English language is fundamental to our professional growth.

Thank you for the opportunity we are able to help you with your work.

[26 de março de 2010 13:38](#)

 [ca.lizz](#) disse...

Trabalho magnificoooo *-*

ento legal participar

[27 de março de 2010 06:30](#)

 [Laura disse...](#)

Well, was difficult at the beggining talk in front off a camera, but the project's idea is really interessant...

The students explain why and how it's important to today.

I hope I could help.

[20 de junho de 2010 16:38](#)

A maioria das alunas elogia o trabalho (Ana, Rute, Bianca e ca.lizz) e incentiva a sua continuação. Alguns comentários interessantes surgem de Rute e Bianca. Para Rute “É um ótimo trabalho!”, pois gera discussões sobre a importância de tomar decisões e nos faz pensar no que é prioridade: “stop, think and take the right decision”. Bianca aponta para uma discussão sobre a relação da língua inglesa e o mercado de trabalho (“I find it very important that students can explain their opinions on how the fact of knowing the English language is fundamental to our professional growth”). Todos os comentários se referem, entretanto, à coleta realizada em sala de aula. Nenhum deles se refere aos vídeos e comentários gravados pelos colegas. Os comentários se referem, ainda, ao fato de terem tido a oportunidade de “gerar discussões” (Rute) e “explicar suas opiniões” (Laura e Bianca). Esses comentários confirmam que as duas primeiras etapas presenciais aconteceram dentro da metodologia proposta, ou seja, elas proporcionam oportunidades “abertas” de diálogo e construção de sentidos. Finalmente, a não participação dos alunos da graduação revelou-se significativa, uma vez que a expectativa era que contribuíssem criticamente com questões que os afetam diretamente: a aprendizagem da língua inglesa, a sociedade e o mercado de trabalho; a relação entre língua inglesa e as tecnologias estudadas em seus cursos de graduação, entre outros. Entretanto, na etapa final da discussão no blog, a participação foi nula. Retomando O’Toole *et al* acima, talvez não tenham sido exploradas as circunstâncias específicas e as experiências dessas jovens alunas.

Considerações finais

Neste artigo, busquei problematizar as áreas da educação de língua inglesa e os novos letramentos. Devido ao fato de serem escolas técnicas e tecnológicas, as novas tecnologias podem ser representativas de variados conceitos e ações. Sendo assim, aponto que parecem coexistir *mindsets* convencionais e novos no que concernem os novos tempos. Os jovens alunos nativos digitais apresentam, geralmente, um *mindset* influenciado pelas novas

tecnologias. Discuto os novos letramentos como um movimento educacional que tem sido “apropriado” pela educação de línguas estrangeiras. Sugiro que deve haver uma prática pedagógica dos novos letramentos como instrumentos de aplicação (saber navegar e produzir um blog), mas uma prática que também consolide as dimensões operacionais, culturais e críticas (ter-se uma visão crítica ao navegar e produzir um blog). Por fim, questiono, por meio dos blogs, se nossos alunos podem, de fato, ser considerados nativos digitais, uma vez que, ao se depararem com as tarefas de bloguear e postar, por exemplo, optam pela não-participação. Finalmente, levanto três hipóteses: a não participação por decisão política de ficar em silêncio, a falta de interesse em relação à pesquisa acadêmica e a falta de letramento digital em lidar com as novas tecnologias. Sugiro, finalmente, que as relações entre pesquisa acadêmica e as novas tecnologias (aqui representadas pelos blogs) sejam problematizadas a fim de compreendermos as práticas em sala de aula que utilizam esse recurso.

Referências

- DAVIES, J.; MERCHANT, G. Looking from the Inside Out: Academic Blogging as New Literacy. In: *New Literacies: Changing Knowledge and Classroom Research*. New York: Peter Lang, 2007.
- FERRAZ, D. M. EELT. Education through English Language Teaching and Visual Literacy: an interweaving perspective. In: *Contexturas*, v. 17, p. 39 – 56, 2010.
- _____. Os Novos Letramentos e o Ensino de Língua Inglesa: expandindo perspectivas em contextos de educação superior de tecnologia. In: *Revista V@rVitu*. No prelo, 2012.
- GEE, J. P. *What video games have to teach us about learning and literacy*. New York: Palgrave Macmillan, 2007a.
- _____. *Pleasure, Learning, Video Games, and Life: The Projective Stance*. In: *New Literacies: Changing Knowledge and Classroom Research*. Peter Lang: New York, 2007b.
- HINE, C. *Virtual Ethnography*. London: SAGE, 2000.
- LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. (eds.). *A New Literacies Sampler*. New York: Peter Lang, 2007.
- _____. *Digital Literacies: Concepts, Policies, and practices*. New York: Peter Lang, 2008.
- LANKSHEAR, C. The Challenge of Digital Epistemologies. In: *Education, communication and Information*. London: Routledge, 2010.
- MAGNANI, L. H. Um passo para fora da sala de aula: novos letramentos, mídias e tecnologias. In: *Revista X*, v.1, p. 1 - 18, 2011.

MILLS, K. A. A Review of the ‘Digital Turn’ in the New Literacies Studies. In: *Review of Educational Research*, v. 80. n. 2, p. 246 -271. New York; SAGE, 2010. Disponível em: <http://rer.sagepub.com/content/80/2/246>

MILNE, E. J. Saying ‘NO!’ to participatory video: Unraveling the complexities of (non)participation. In MILNE, E-J.; MITCHELL, C.; deLANGE, N. (eds.). *Theorising Participatory Video: critical issues and challenges*, 2010.

MURTHY, D. Digital ethnography: An examination of the use of new technologies for social research. In: *Sociology*, v.42, n. 5. SAGE: London, 2008.

O’TOOLE, T.; MARSH, D.; JONES. S. Political Literacy cuts both ways: the Politics of non-participation among young people. In: *The Political Quarterly Publishing*. Blackwell: Oxford, 2003.

PINK, S. *Doing Ethnography: Images, Media and Representation in Research*. London: Sage, 2001.

ROSE, G. *Visual Methodologies: an introduction to the interpretation of visual materials*. London, South Oaks, New Delhi: Sage Publications, 2007.

SANTOS, B. S. Beyond Abyssal Thinking: From Global Lines to Ecologies of knowledge. In: *Review*. v. Xxx.1. Fernand Braudel Center, Binghamton University, 2007b.

SNYDER, I. *Hypertext: The electronic labyrinth*. Melbourne: Melbourne University Press and New York University Press, 1996.

_____. (ed.) *Page to screen: Taking literacy into the electronic era*. Sydney: Allen & Unwin and London: Routledge. Electronic rights bought by eBooks.com: the digital bookstore in 2001.

_____. (ed.). *Silicon literacies: Communication, innovation and education in the electronic age*. London: Routledge, 2002.

_____. *The literacy wars: Why teaching children to read and write is a battleground in Australia*. Sydney: Allen & Unwin, 2008.

Artigo recebido em julho de 2013.

Aceito em agosto de 2013.